RELATO VERBAL DE PALESTRAS, PE...

E RESPOSTAS

POR

KRISHNAMURTI

AGENCIA DO
THE STAR PUBLIS-
HING TRUST
Rua do Rosario, 149 sob.

NEW YORK CITY — 1935 —

Relato Verbal de Palestras e de Perguntas e Respostas

Nova Iorque - 1935

Jiddu Krishnamurti

Índice

Traduzido do título original

Krishnamurti - New York City (Town Hall), 1935

Agradecimentos a quem se dedicou a fazer a tradução deste conteúdo

Primeira Palestra

(11 de Março de 1935)

Amigos, muitos de nós estamos tentando resolver nossas várias dificuldades e problemas dentro da distinção artificial que criamos entre o grupo e o indivíduo. Ora, para mim, tal distinção com o indivíduo oposto ao grupo perverte e destrói a clareza do pensamento, e tal perversão leva, naturalmente, a muitas repressões e exageros entre o indivíduo e o grupo.

Como procuramos por caminhos e meios para sair deste caos, métodos e soluções engenhosas e complicadas são oferecidas, e cada indivíduo escolhe a solução segundo sua idiossincrasia particular, dependendo de sua formação social e suas fantasias religiosas. Não quero acrescentar nenhuma nova teoria ou explicação a estas já existentes. Para mim, a solução verdadeira para nossos problemas está na inteligência, que deve ser direta, simples; quando existe tal inteligência podemos então compreender a vida como um todo. Ora, esta inteligência não vai ser despertada por seguirmos algum sistema ou algum grupo, ou por obedecermos às idiossincrasias e fantasias particulares de alguém. Para despertar a verdadeira inteligência

devemos primeiro investigar as muitas coisas estúpidas que atrofiam a mente e o coração, e não buscarmos uma definição de inteligência, porque, quando descobrirmos quais são as coisas estúpidas e libertarmos nossa mente delas, através da constante vigilância, seremos então capazes de saber por nós mesmos o que é a verdadeira inteligência. Descobrindo por nós mesmos as limitações que o ambiente nos colocou, e discernindo sua verdadeira significação, e, assim, descartando as coisas estúpidas, poderemos começar a perceber o que é a verdadeira inteligência. A expressão dessa inteligência na ação é imortalidade; é a bem-aventurança de viver no presente.

Vocês têm muitas ideias em relação à plenitude da vida e a imortalidade. Mas, para mim, esta imortalidade, esta riqueza, esta plenitude de vida só pode ser compreendida e vivida quando a mente está completamente livre das limitações, das coisas estúpidas que o ambiente, passado e presente, herdado ou adquirido, está continuamente nos colocando. Assim, por favor, se me permitem, não esperem de mim novas explicações durante esta palestra, um novo conjunto de fórmulas e definições. Tais explicações e fórmulas oferecem apenas meios de fugir ao conflito. A maioria das mentes deseja copiar, imitar, seguir, porque não podem pensar por elas mesmas, ou então o conflito é tão intenso que preferem fugir através de sistemas, através de definições, de explicações. Só estando continuamente cônscio do ambiente e da imposição de sua sempre crescente estupidez, só questionando estas coisas continuamente, é que paramos de fugir e ficamos face a face com o conflito, o que nos dá a capacidade de compreender o ambiente inteligentemente.

O que quero explicar durante esta palestra é como criamos as coisas estúpidas; sem compreender esta criação contínua, inconsciente, a mera investigação do que é inteligência nos concede nada mais do que outra fuga. Então, toda nossa investigação deve ser direcionada para o que é estupidez e sua causa, e não para o que é inteligência. Como disse, até ten-

tarmos libertar a mente daquelas coisas estúpidas que o ambiente, passado e presente, criou a nossa volta, e que atrofiam nossa ação, até as percebermos e compreendermos sua verdadeira significação, até então nossa investigação da inteligência é fútil. O propósito de minha palestra é ajudá-los a descobrir quais são as coisas estúpidas e como se libertar delas. Ora, cada especialista, cada autoridade, cada seita, cada partido oferece uma saída deste crescente conflito que nós sabemos que existe. Todos apresentam uma ideia, uma teoria, um método para a solução deste terrível emaranhado. Podemos dividir, eu acho, estes teóricos, ou as pessoas que dão explicações, em dois tipos: aqueles que se voltam para o exterior e aqueles que se voltam para o interior. O homem que se volta para fora diz que todos os problemas humanos podem ser resolvidos com o controle do ambiente. Ou seja, ele afirma que o pensamento humano pode ser mudado, alterado, controlado pela organização, seja do trabalho ou dos meios de produção e distribuição, e por aí vai. Ele considera o homem como barro, para ser condicionado pelo ambiente, e assim, pelo controle do ambiente e aperfeiçoamento do grupo, o indivíduo terá uma oportunidade de se expressar. Ou seja, ele não vai mais ser antissocial porque, sendo simples barro a ser condicionado, seu ambiente pode ser controlado e, também, suas ambições, sua perspectiva, seus desejos nunca estarão em oposição ao grupo e serão antissociais. O homem será, então, condicionado segundo um novo conjunto de ideias e teorias de modo que, como indivíduo, nunca entre em conflito com o grupo ou com a sociedade. Se você pensa que esse homem não é nada mais que matéria a ser condicionada, ser moldada, ser controlada, então não há nada mais a ser dito. Então a vida é muito simples. Vamos todos nós, então, trabalhar para a simples perfeição do ambiente, seguindo certo conjunto de teorias e ideias, e ser condicionados por elas.

Ora, eu não sou contra ou a favor deste ponto de vista. Quero examiná-lo mais completamente. Se o homem é meramente uma entidade so-

cial, e se alterando circunstâncias e ambiente e criando nele o hábito de buscar apenas o bem estar do grupo, de modo que ele não vá ser antissocial – se isso é tudo, então, me parece, a vida se torna muito superficial, uma série de ações não-realizadas, superficiais. Também, você tem o homem que se volta para o interior, que diz que a vida não é nada além do espírito. Deixe isto, ele diz, para o mais elevado no homem e deixe-o seguir esse mais elevado, como é mostrado pelos mestres, pelos vários sistemas filosóficos; deixe que ele se torne mais religioso, deixe-o seguir grandes líderes, deixe que ele tenha disciplina, entre em organizações espirituais e obedeça à autoridade espiritual, e seja guiado pelo medo, de modo que finalmente domine as circunstâncias, o ambiente. Assim você tem os exageros do homem voltado para o exterior e do homem voltado para o interior – a pessoa que diz que o homem não é nada além de barro e, por isso, é para ser condicionado; e o outro, o homem voltado para dentro, o chamado homem espiritual, que insiste primeiro na mudança no coração.

Então você tem estes dois tipos. A ênfase ou exagero de um ou outro destrói seu próprio fim. O homem que diz primeiro o ambiente e o homem que diz primeiro o espírito, cada um com seus exageros e falsa ênfase, destruíram seus próprios fins. Por outro lado, para mim, a solução, ou antes, a maneira de pensamento, o verdadeiro despertar da inteligência, que pode resolver sozinho os inumeráveis conflitos e problemas, sociais e individuais, está no perfeito equilíbrio entre os dois, além e acima dos dois, e esse equilíbrio é o caminho simples e direto. Estudar os vários sistemas filosóficos bem como econômicos, estudá-los todos completamente, de modo a ser capaz de compará-los, requer grande esforço, e poucos têm o tempo, a capacidade, ou a inclinação para penetrar em seus complicados raciocínios e teorias. E o que acontece quando você não tem tempo para examinar as explicações de inumeráveis especialistas concorrentes? Você escolhe um de que gosta, que você considera razoável; e como você não tem o tempo para examinar seu sistema completamente, simplesmente

aceita sua autoridade. Quanto maior o especialista, maior a autoridade, maior o seguidor. Assim, gradualmente os seguidores ficam cegos e simplesmente aceitam dogmas, e os líderes destroem os seguidores, e os seguidores por seu lado destroem os líderes. Gradualmente criamos um novo conjunto de coisas estúpidas baseado em novo conjunto de dogmas que eram, originalmente, teorias, e nos tornamos escravos delas.

Agora, para mim, teorias são de pouco valor; porque um homem que está constantemente em conflito com o ambiente, o passado como o presente, está continuamente discernindo, penetrando, tentando compreender, e assim, está vivendo completamente no presente. Para tal homem não há necessidade de teorias ou explicações. Mas isso requer grande persistência de pensamento, grande consciência, grande penetração no verdadeiro significado do ambiente sempre mudando. Como a maioria das pessoas não pode fazer isso, elas aceitam teorias que se tornam seus senhores, fatos, realidades. Naturalmente, isto também se aplica aos especialistas religiosos que consideramos como nossos guias espirituais. Agora considere a religião, isto é, a religião como crença organizada, e você verá que a autoridade do especialista é suprema. O padrão é estabelecido e você é forçado pela pressão da opinião pública, pelo medo, e por aí vai, a seguir. Esta adoração da autoridade, esta adoração do especialista sem conhecer suas limitações é, para mim, a própria origem da exploração.

Assim, todo o processo de viver, que deveria ser uma contínua realização e, portanto, uma contínua penetração na realidade, no que é verdadeiro, é completamente destruída por esta adoração da autoridade, dos especialistas, de credos, de teorias. O processo todo é tornar o indivíduo subserviente, fazê-lo obedecer e seguir. E ele gradualmente se torna inconsciente de tudo fora do padrão, e ele existe como pode dentro das leis desse padrão, e chama isso de viver. O ambiente se torna apenas o molde para ajustá-lo. Assim, então, o indivíduo, como ele é hoje, não é nada mais do que a expressão exagerada do ambiente, sendo ambiente o passado e o

presente, o herdado e o adquirido. Para mim, isto não é verdadeira individualidade. Pela compreensão do significado do ambiente, passado e presente, e estando, portanto, livre dele, a inteligência é despertada, e a expressão dessa inteligência é verdadeira individualidade. Hoje você está condicionado pelo ambiente. Você é o resultado de seu ambiente passado e presente, e o que você expressa, chamando de individualidade ou autoexpressão, não é nada além do que a expressão desse ambiente condicionado. Para mim, a verdadeira expressão da individualidade é essa inteligência que é despertada pela libertação da mente do ambiente condicionado do passado e do presente.

A próxima coisa que temos que descobrir é se algum sistema pode nos ajudar a despertar esta inteligência. Ou ele simplesmente impõe outro conjunto de coisas estúpidas, mais limitações? Porque, se pudermos encontrar um sistema perfeito, então podemos nos entregar a ele e nos tornar inteligentes. Para mim, sistemas não são mais do que a cristalização do pensamento, e o grupo não é mais do que a expressão desse pensamento. Podem eles, estes pensamentos cristalizados, ao segui-los, despertar a inteligência? Ou você tem que começar, não considerando a si mesmo como um indivíduo, ou como um grupo, a discernir por si mesmo as coisas estúpidas criadas pela falsa divisão do grupo e do indivíduo? Ou seja, não considerar a si mesmo como um individuo ou como grupo, pensar de uma nova maneira, pensar desde o início de modo a ser capaz de captar o verdadeiro significado de cada ambiente, de cada limitação. Porque, se não pudermos ser tão ativos emocionalmente e mentalmente, não considerando um sistema, a simples submissão ou a atuação nele não desperta a inteligência. Ora, tal inteligência, quando é despertada, pode realmente cooperar, não com coisas estúpidas, mas com outras inteligências. Pegue, por exemplo, o que acontece com relação à guerra. Para compreender a totalidade da questão da guerra devemos pensar desde o início, não do ponto de vista nacionalista, racial ou classista. A guerra é inerentemente errada.

Não há desculpa para a guerra enquanto a inteligência está funcionando. Mas, como na maioria somos regidos por políticos, exploradores, e por tal tipo somos forçados a uma guerra depois de outra, e muitas razões são dadas para a inevitabilidade e a necessidade das guerras. Enquanto você não pensa claramente, fundamentalmente, desde o início, em relação a esta questão, um dia você será a favor da paz e no dia seguinte será a favor da guerra, porque não descobriu por si mesmo, fundamentalmente, as apavorantes crueldades, os ódios raciais, as explorações que criam a guerra. Só quando houver uma inteligência desperta, não só de sua parte, mas da parte dos políticos, dos legisladores, haverá paz. Para descobrir o que é verdadeiro, é preciso grande inteligência. Inteligência, para mim, não é conhecimento dos livros. Você pode ser muito estudado e, contudo, ser estúpido. Pode ter lido muitas filosofias e, contudo, não conhecer a alegria do pensar criativo, que só pode acontecer quando a mente e o coração começam a se libertar pelo conflito, pela constante vigilância, das coisas estúpidas do passado e daquelas que estão sendo construídas. Só então existe o êxtase daquilo que é verdadeiro.

Pode alguém mais lhe contar o que é verdadeiro? Pode alguém lhe dizer o que é Deus? Ninguém pode: você mesmo tem que descobrir. Assim, para descobrir o que é verdadeiro, qual é o significado da vida, o que é imortalidade – sem o que a vida se torna uma caótica trivialidade, um sofrimento sem sentido, cego – você deve ter inteligência; e para despertar essa inteligência você deve despir a mente e o coração da estupidez. A primeira causa da estupidez é essa consciência que se prende ao particular e, portanto, cria a distinção entre o grupo e si mesma, essa consciência cuja própria essência é o pensamento de ganância, do "meu". Esta consciência limitada é a própria origem e causa da estupidez, do sofrimento. Uma de suas manifestações é o constante anseio por segurança, segurança no âmbito do próprio ser da pessoa, fisicamente, emocionalmente, e mentalmente. Na busca dessa segurança está implícito haver conflito entre o que cha-

mamos o indivíduo e o grupo, os exageros do indivíduo contra o grupo, levando a atrito constante, luta e sofrimento. Você pode ver que esta busca por segurança física se expressa em posses, com todas as suas crueldades, explorações, e as terríveis coisas estúpidas como nacionalismo, luta de classes, ódio racial. Também, emocionalmente, o amor se tornou possessividade. Ele perdeu seu êxtase criativo. Ele é uma série de conflitos possessivos. Sua ternura, sua grande profundidade, sua qualidade eterna, seu profundo êxtase são destruídos por este desejo de posse. E então há este anseio mental de certeza. Por isso existe a adoração da autoridade, a adoração de mestres. Por isso a incessante demanda pela conclusão, de modo que sua mente possa se prender a ela. Por isso sua constante indagação sobre verdade, sobre Deus; e o homem que lhe assegura da certeza de Deus, da verdade, da imortalidade, você adora, já que ele lhe dá conforto, segurança. Gradualmente, esta exigência por segurança destrói a inteligência. A mente, pela experiência, acumula e guarda, cuidadosamente, seguranças autodefensivas, memórias, que impedem o ajustamento ao eterno movimento da vida. A experiência, na maior parte do tempo, fica criando seguranças, memórias autodefensivas, e com esta barreira você encontra a vida, o que inevitavelmente traz conflito e sofrimento. Isto não significa que você deve esquecer o passado. O que quero explicar é isso: como fisicamente buscamos segurança, do mesmo modo mentalmente buscamos sair da incerteza para a certeza, que por outro lado se torna incerteza, onde nunca existe um momento de completa, inescapável solidão.

Eu lhes asseguro que quando há completo despojamento, total desesperança, nesse momento de vital insegurança nasce a chama da suprema inteligência, a alegria da verdade. Na busca por segurança surge o medo, que gera muitas ilusões, falsas disciplinas, repressões, perversões, o medo da morte e a inquirição do que vem depois. Por que tantos estão interessados no que vem depois? Porque a vida aqui é muito superficial, muito condicionada pelo ambiente, muito conflituosa, caótica, irracional, sem ale-

gria, sem êxtase; por isso eles olham para o futuro, e daí vem a inquirição sobre o que vem depois. Imortalidade é um constante tornar-se, não dessa consciência que chamamos de “Eu”, mas daquela inteligência que está liberta do particular bem como do grupo, dessa consciência que cria distinções. Ou seja, quando a mente está despida de toda ilusão ou ignorância, ela é capaz de discernir o presente infinito. É uma coisa que você não pode explicar, não pode racionalizar. Está além de qualquer argumento. Tem que ser experimentada. Tem que ser vivida. Exige grande persistência e constante determinação. Ora, este me parece ser o estado do mundo. O caos causado pelo conflito de muitas teorias leva a práticas estúpidas e divisões; e, conforme o tempo passa, vamos meramente acumulando conhecimento de teorias, crescentes divisões amargas, criando movimentos de massa para experimentos conflitantes, e, neste conflito em que estamos imersos, a inteligência, que é a verdadeira expressão e modo de vida, fica completamente esquecida.

Este é o estado do mundo a nossa volta. Qual deveria ser nossa ação? Qual seria nossa atitude, nosso pensamento? Vocês vão esperar pela perfeição do ambiente através da revolução, através de mudanças econômicas, através da elevação política? Esta espera não é mais do que fuga, este olhar para o futuro não é mais do que outra fuga através da esperança, é um adiamento. Ou vocês, não se considerando como indivíduos ou grupos começarão a pensar de novo, desde o início – afastando assim as muitas coisas estúpidas que se tornaram virtudes, as muitas coisas que vocês tomaram como garantidas, aceitas –, de modo que na verdadeira simplicidade e direção do pensamento, que é suprema inteligência, pode haver a fruição da ação? O que vocês vão fazer: esperar pelo futuro, desejando que o ambiente fique perfeito através de um milagre, através da ação de alguma outra pessoa; ou vão ficar intensamente conscientes, através de seu próprio conflito com o ambiente onde não há possibilidade de fugir, que existe integralidade de ação?

Para a maioria das pessoas este é o problema: simplesmente esperar, marcar tempo ou ser capaz de discernir o verdadeiro significado da vida com seus conflitos e sofrimentos – e não criar um novo conjunto de coisas estúpidas, um novo conjunto de ilusões –, e, consequentemente, viver direta e simplesmente. Um leva à completa desordem, superficialidade, aborrecimento, a vidas muito superficiais que a maioria das pessoas leva, seja na intensidade de trabalho ou na falta de trabalho; o outro, ao êxtase da imortalidade. Em todo lugar há um desespero, esperar por alguma ação, esperar que os governos mudem as condições. E, nesse meio tempo, suas próprias vidas se tornam mais e mais superficiais, rasteiras, com todas as futilidades da sociedade moderna e as futilidades das assim chamadas pessoas espirituais.

Como eu disse no início de minha palestra, a inteligência é a única solução que produzirá harmonia neste mundo de conflito, harmonia entre mente e coração em ação. Nenhum sistema, a simples alteração do ambiente não vai libertar o homem da ignorância e da ilusão, que são as causas do sofrimento. Você mesmo, por sua própria conscientização, sua própria integralidade, pode discernir a verdadeira significação destas muitas barreiras limitadoras. Só isto produzirá inteligência duradoura, que revelará a imortalidade.

Segunda Palestra

(13 de Março de 1935)

Antes de responder a algumas perguntas que me foram enviadas, gostaria de dizer que aquilo que tenho falado e o que vou dizer não é um novo brinquedo intelectual, nem um novo conjunto de teorias a respeito das quais podemos debater para mero estímulo intelectual; nem pretende oferecer uma nova sensação para uma emoção já gasta. O verdadeiro e profundo significado de seu propósito só é descoberto quando você o experimenta; de outro modo, isto não terá nenhum valor num mundo onde há constante conflito. Para fazer um experimento, a pessoa tem que começar com ela mesma. Afinal, você não pode começar experimentando com o outro. Você não saberá o resultado ou o significado desse experimento se não testá-lo por si mesmo. Assim, em vez de considerar seu vizinho, você deveria começar a descobrir como experimentar verdadeiramente com você mesmo. Para ajudar o mundo, a pessoa deve começar consigo mesma. Se a pessoa puder realmente experimentar consigo mesma de modo que haja um constante ajustamento, não o ajustamento a uma auto-

disciplina estereotipada, não seguir cegamente um padrão, não a prática incessante de uma ideia, então tal experimento em viver gerará uma mudança significativa na ação, na conduta, em todo o ser da pessoa. Eu sugeriria que, em vez de considerar superficialmente as ideias que apresento, você experimente com elas para ver se tem algum valor prático em sua vida diária.

Muitos de nós são criados em certos preconceitos, tradições e medos, forçados pelo ambiente a seguir e obedecer, e através dessa base pensamos e agimos. Esta base se tornou uma parte inconsciente de nós, e a partir deste centro inconsciente começamos a pensar, sentir e agir. Todas as nossas ações, nascidas dessa limitação da mente e coração, naturalmente se tornam mais e mais limitadas, mais e mais superficiais, mais e mais condicionadas. Assim, o ser inconsciente, aqueles pensamentos e sentimentos habituais que não questionamos ou compreendemos, ficam continuamente pervertendo, interferindo e obscurecendo as ações conscientes. Se nós não compreendermos e, assim, nos libertarmos dessa base com a qual crescemos, naturalmente esses preconceitos, esses medos estarão continuamente interferindo e condicionando o consciente. Consciência é ação, é discernimento. Então nossa ação vai sendo continuamente limitada, condicionada pelo medo, pela tradição. Em vez de nos libertar, a ação aumenta nosso conflito, nossos problemas, e viver se torna nada mais que uma série de conflitos, uma série de lutas. Para fugir destas lutas, criamos certas ilusões como escapes, que se tornaram realidades para nós. Ou seja, temos inumeráveis problemas e conflitos, e para fugir deles estabelecemos certos escapes regulares, reconhecidos. Estes escapes são a religião organizada, a ambição, estabelecer e seguir uma tradição, e as muitas fugas através da sensação. Se você está consciente de suas ações, perceberá que é isto que acontece com a maioria de vocês: que você funciona através de uma base estabelecida de tradição, ou de medo, e assim aumenta seu conflito, suas lutas. Em vez de se libertarem pela ação, vocês estabelecem vários esca-

pes ou fugas, e elas se tornam tão reais, tão exigentes, que a mente acha imensamente difícil se libertar delas.

Libertarem a vocês mesmos da causa da ação limitada crescente, ou seja, do inconsciente, não é mergulhar no passado, mas estar cônscio na ação no presente. Em vez de olhar para ver se vocês são escravos da tradição, do medo, do preconceito, fiquem totalmente conscientes em sua ação, e nessa chama de consciência a causa da limitação, tal como o medo, se revelará. Ou seja, se você está totalmente desperto, totalmente consciente na ação que exige seu ser completo, então perceberá que todas estas perversões ocultas, inconscientes, brotam e impedem sua ação total, complet-a. Aí é a hora de lidar com elas, e se a chama da consciência for intensa, essa chama consome estas causas limitadoras. Em vez de seguir um padrão, uma linha de ação determinada, que, novamente, vai mutilar o pensamento e a emoção, se a pessoa estiver totalmente consciente no momento da ação – e isso só pode ocorrer quando o pensamento e o sentimento são intensos – então as profundezas ocultas e inexploradas da consciência da pessoa se revelam. Por outro lado, se você meramente examina o inconsciente através da autoanálise, descobrirá que suas ações se tornam mais e mais restritas, mais e mais superficiais, perdendo, assim, sua significação, sua profundidade, e a vida se torna vazia e superficial. Se você começar a se conscientizar, a lidar com a questão integralmente, como um todo, completamente, então verá como se insinuam em sua mente todos os vários condicionamentos, os pensamentos defensivos, herdados ou adquiridos. Então você descobrirá – se realmente experimentar isto – que a mente e o coração não estão em conflito, não estão em contradição um com o outro, mas são a própria fonte, a origem disso que você busca, esse êxtase criativo, a verdade.

Em vez de buscar a paz, a felicidade – ou tentar descobrir o que é a verdade ou a imortalidade, ou se existe Deus – se, na chama da conscientização, a mente e o coração podem libertar-se de medo, preconceito, per-

versões, causas condicionadas, então essa conscientização é o real êxtase da vida, da verdade.

Interrogante: O que a pessoa deveria fazer para se libertar da solidão e do medo?

Krishnamurti: Primeiro vamos descobrir o que fazemos hoje, e então podemos investigar o que devíamos fazer. Se estamos sozinhos, o que fazemos? Nós tentamos fugir da solidão através de companhia, do trabalho, diversão, adoração, oração, todas as fugas conhecidas e astuciosamente bem estabelecidas. Por que fazemos isto? Nós pensamos que podemos encobrir a solidão com estas fugas, com estas folgas. Podemos nós encobrir aquilo que é inerentemente doentio? Podemos encobrir a solidão momentaneamente, mas ela continua o tempo todo. Então, onde há fuga haverá a continuação da solidão. Para a solidão não há substituição. Se pudermos compreender isto com todo nosso ser, completamente, se pudermos compreender que não há possibilidade de fuga da solidão, do medo, então o que acontece? A maioria de vocês não será capaz de responder, porque vocês nunca encararam completamente o problema. Vocês não sabem o que aconteceria se todas as rotas de fuga fossem completamente bloqueadas e não houvesse a menor possibilidade de fuga.

Eu sugiro que vocês experimentem com isso. Quando você está sozinho, esteja completamente cônscio e verá que sua mente quer escapar, quer fugir. Quando a mente está cônscia de que está fugindo, e ao mesmo tempo percebe o absurdo da fuga, nessa compreensão a solidão verdadeiramente desaparece. Por favor, quando você for confrontado com um problema e não houver possibilidade de saída, então o problema cessa, o que

não significa a aceitação dele. Agora você está buscando um remédio para a solidão, uma substituição, e, portanto, o problema não é o significado da solidão, mas qual é o remédio para a solidão, qual o melhor caminho para fugir dela ou encobri-la. Mas quando a mente não está mais buscando uma fuga, então a solidão ou o medo têm um significado muito diferente. Agora, você não pode aceitar o que eu digo: tudo o que pode dizer é que não sabe. Você não sabe se a solidão e o medo desaparecerão, mas experimentando compreenderá toda a significação da solidão. Se nós simplesmente buscarmos um remédio para a solidão ou o medo, nos tornaremos muito superficiais, não é? Para o homem que tem tudo que quer, ou o homem que tem tudo, a vida se torna muito superficial. Simplesmente buscando remédios, a vida se torna sem sentido, vazia; ao contrário, se você é confrontado com um problema ardente e não há possibilidade de fuga, então verá que esse problema faz uma coisa milagrosa em você. Não é mais simplesmente um problema; ele é intensamente vital, tem que ser examinado, tem que se viver com ele, compreendê-lo.

Interrogante: Você acha que devemos nos comprometer na vida diária?

Krishnamurti: Você considera que existe possibilidade de se comprometer à guerra e à paz? Ou seja, se você realmente pensa que a guerra – matar por alguma razão patriótica ou por qualquer outra razão – está fundamentalmente errada, acha que poderia se comprometer a criar ou tomar parte na guerra? Do mesmo modo, entre ganância e não-ganância, você acha que pode haver algum comprometimento? Existe comprometimento se você é num momento ganancioso e no seguinte é não-ganancioso. Se a

pessoa não é gananciosa, se não está realmente buscando aquisição, se a pessoa não é levada por isto, então não há comprometimento. Mas quando você é possessivo e vai sendo levado pelas circunstâncias, por ideias e ideais, a ser não-ganancioso, então você começa a se comprometer, começa a buscar o melhor e menos doloroso meio de se adaptar. Se você está realmente livre da ganância, embora possa viver neste mundo de posses, não há comprometimento. Você tem que descobrir se você é ganancioso. Isto é muito simples. Para fazer isto, não comece a analisar suas ações, o que apenas levará à limitação da ação, mas esteja totalmente cônscio no momento da própria ação. O tempo não vai lhe dar liberdade da ganância. Ou seja, você não pode aprender a não-ganância com o adiamento para um futuro; você só pode se libertar da ganância no presente, e não no final. Você só pode discernir seu significado agora, instantaneamente. Mas, como não queremos discernir imediatamente, dizemos, nos iludindo, que aprenderemos a não-ganância mais tarde, nos próximos anos. Só no presente podemos compreender a estupidez da ganância, e não no futuro. A liberdade da ganância não é o resultado do crescimento evolucionário lento da mente e do coração.

Um amigo meu se tornou sacerdote cerca de dez anos atrás. Ele me disse outro dia que levou dez anos para ver a tolice de sua atitude. Imaginei se ele tinha ou estava tão empolgado por seus desejos, suas emoções, seus medos, pelas tradições, e não foi capaz então de pensar claramente, e começou a pensar claramente somente quando estava desiludido? Aconteceu que ele foi levado e influenciado pelo medo, pela autoridade, pela tradição. Se ele estivesse totalmente cônscio no momento de sua decisão, não teria levado dez anos para descobrir a tolice de sua atitude.

A pergunta é: deveria haver comprometimento? Naturalmente, há comprometimento quando você é ganancioso e ao mesmo tempo não quer ser ganancioso. Nesse conflito de opostos deve haver comprometimento. Não há solução para isso, e quando a vida se torna um contínuo conflito

entre opostos, então é uma luta sem significado e estúpida. Mas se você verdadeiramente discernir todo o significado da ganância, então nessa liberdade existe riqueza, a eterna beleza da vida.

Interrogante: Você diz que a memória é uma barreira. Por quê?

Krishnamurti: Qualquer coisa que percebemos diretamente, compreendemos diretamente, ela não deixa cicatrizes na mente. Se você vive uma experiência integralmente, embora possa relembrar o incidente, isto não produzirá aquelas reações para autodefesa a que você está acostumado. Se eu tenho uma experiência cujo significado não compreendi completamente, então a mente se torna um centro de conflito e este conflito continua até eu compreender aquela experiência integralmente. Enquanto a mente estiver sobrecarregada com estes conflitos, ela não é mais do que um depósito de reações defensivas, chamadas memórias, e com tais memórias protecionistas abordamos a vida, criando assim uma barreira entre a vida e nós mesmos, de onde surge todo conflito, medo e sofrimento. É isto que fazemos a maior parte do tempo. Em vez de ficar nesse estado de vazio criativo, a mente se torna meramente um depósito de memórias defensivas. Este fardo de reações defensivas nós chamamos "Eu", essa consciência limitada. Com essa consciência limitada, que não é mais do que camadas de memórias invulneráveis, autoprotetoras, você aborda a vida e todas as suas experiências. As experiências, em vez de dissiparem estas muitas camadas e, assim, liberarem a força criativa da vida, simplesmente criam e adicionam mais memórias defensivas, e assim a vida se torna um conflito continuado, confusão e sofrimento. Em vez de estar completamente vulnerável à vida, estar completamente vazio – não no sentido negativo da palavra –,

estar totalmente sem autodefesa, a mente se tornou uma máquina de alarme, de direção, para proteger e defender a si mesma. Para mim, tais memórias defensivas, autoprotetoras, são barreiras fundamentais, pois impedem a completa fruição da vida, que é a verdade.

Considere por você mesmo como sua mente não é vulnerável. Completa vulnerabilidade é sabedoria. Quando você tem uma experiência, observe o que acontece. Todos os seus preconceitos, suas memórias, suas respostas defensivas aparecem e lhe dizem como agir, como se conduzir. Então você já preparou sua mente para como lidar com o novo, o vivo. Afinal, para compreender a verdade, Deus, o desconhecido, ou que nome você queira dar a isto, mente e coração devem chegar despreparados, inseguros. Na vitalidade da insegurança está o eterno. Protegendo a vocês mesmos, vocês construíram seguranças astuciosas, memórias sutis, e é preciso grande inteligência para se libertar delas. Você não pode afastá-las ou tentar esquecê-las; você só pode descobrir estas barreiras na completa conscientização da própria ação.

Você me ouvir deve ser também uma experiência. Se você está realmente interessado e desperto para o que estou falando, verá que está chegando nisto com todos os tipos de objeções. Você não aborda abertamente, com o desejo de descobrir, experimentar. Só quando a mente e o coração estão flexíveis, alertas, e não são escravos de teorias, certezas, garantias, você começa a descobrir as barreiras de memórias como autoprotetoras, a reação defensiva. Estas cicatrizes, que chamamos memórias, ficam continuamente entre o movimento da vida, que é eterno, e nós mesmos, causando conflito, sofrimento.

Interrogante: Como posso despertar a inteligência?

Krishnamurti: Por que você quer despertar a inteligência? Você pode realmente despertar a inteligência, ou a mente se despe da estupidez e assim se descobre inteligente? Por favor, veja o significado da pergunta. O interrogante quer saber o que ele deveria fazer para despertar a inteligência. Ele quer saber o método, a maneira, a técnica. Quando a mente deseja saber "como", ela está realmente buscando um sistema definido, e se torna então escrava desse sistema. Por outro lado, se você começa a descobrir por si mesmo o que é estúpido, então a mente fica perfeitamente, delicadamente alerta. É na descoberta e compreensão da estupidez, e abstendo-se dela, que há o verdadeiro despertar da inteligência.

Quando você pergunta "Como despertar a inteligência?", está realmente pedindo por regras e regulamentações, de modo que possa forçar sua mente ao longo de uma rota particular. Você chamaria isto de um modo positivo de lidar com a vida, dizer a você exatamente o que fazer. Isto é realmente uma negação do pensamento, tornar você escravo de certo sistema. Por outro lado, se você realmente começasse a se conscientizar de seu ambiente, passado e presente, de seu próprio pensamento, suas próprias ações, então ao descobrir o que é estupidez despertaria verdadeira inteligência. Definições de inteligência tendem a escravizar a mente e o coração. Podemos descobrir por nós mesmos a estupidez; não é preciso fazer uma lista completa das coisas estúpidas. Podemos descobrir por nós mesmos a verdadeira causa da estupidez. Se pudermos fazer isso, então não precisamos de um inventário da estupidez.

Qual é a causa da estupidez? Todo pensamento, emoção e ação nascidas da consciência limitada, do "Eu", dá ensejo à estupidez. Enquanto a mente for meramente uma entidade gananciosa, autoprotetora, qualquer ação nascida daí levará à confusão e sofrimento.

Interrogante: O que exatamente você quer dizer com ambiente?

Krishnamurti: Existe um ambiente externo, como o país, o lugar, a classe, e assim por diante; e existe o ambiente interno da tradição, das ideias herdadas e adquiridas. Então podemos dividir o ambiente em externo e interno, mas realmente não existe tal divisão definida, já que os dois estão intimamente entrelaçados.

Tome, por exemplo, uma pessoa nascida na Índia. Ela é criada em certo sistema religioso, com muitas crenças, com preconceitos de castas, com vantagens sociais e econômicas e incapacidades, e assim por diante. Com essa base herdada, ela desenvolve mais condicionamento da mente e no coração. Ela não apenas herdou de seus pais, de sua religião, de seu país e sua raça certo condicionamento, mas também vai acrescentando suas próprias reações, suas próprias memórias, preconceitos, baseados em seu conteúdo herdado. O conteúdo de preconceitos herdados e adquiridos está o tempo todo com ela, pensamentos herdados e adquiridos, medos, desejos, anseios, esperanças, memórias. Tudo isso constitui o ambiente. Com esse conteúdo, com essa mente condicionada, a pessoa aborda a vida; ela tenta compreender este constante movimento da vida. Ou seja, de um ponto fixo, ela tenta encontrar a vida que está eternamente acenando. Naturalmente, então, deve haver conflito entre esse ponto fixo e essa coisa que está sempre viva, mudando. Onde existe conflito, existe o desejo de alívio, fuga; e a religião se torna uma das reações de defesa contra a inteligência. As religiões, a consciência de classes, a ganância, todas se tornam vias de escape, os abrigos para o conflito que resulta entre aquele ponto fixo ou preconceito – memórias, medos, a consciência limitada, o "Eu" – e o movimento da vida.

Pode haver verdadeira compreensão, real alegria de viver, apenas quando existe completa unidade ou quando não existe mais o ponto fixo, ou seja, quando mente e coração podem seguir livremente e suavemente os caminhos da vida, da verdade. Nisso existe êxtase. Isso é imortalidade. Enquanto a pessoa não discernir o verdadeiro significado do ambiente, a mente e o coração ficam nesse ponto fixo de consciência limitada. Daí brota o conflito e o sofrimento, a batalha constante entre aquele ponto fixo e o eterno movimento da vida. Daí nasce uma reação defensiva contra a vida, contra a inteligência. A vida se torna uma série de conflitos e relaxamentos. Você se rodeou tão completamente com estas ilusões, com estas fugas, que para você elas se tornaram realidades com as quais você espera ter felicidade e paz, mas elas não podem lhe dar isto. Através de contínua conscientização, pela penetração, pela constante vigilância da mente, questionando, duvidando, as paredes desse ponto fixo de consciência, esse centro com suas ilusões, devem se gastar. Só então existe imortalidade.

Para compreender a imortalidade, a vida, é preciso grande inteligência, não algum misticismo estúpido. É preciso incessante discernimento, que só pode existir quando há constante penetração, desfazer as paredes da tradição, da ganância, as reações de autoproteção. Você pode fugir por alguma ilusão a que chama de paz, de imortalidade, Deus, mas isto não tem realidade, pois haverá ainda dúvida, sofrimento. Mas o que libertará a mente e o coração do sofrimento, das ilusões, é a completa consciência do eterno movimento da vida. Isto só pode ser discernido quando a mente estiver livre desse centro, daquele centro fixo de consciência limitada.

Terceira e última Palestra

(15 de Março de 1935)

Amigos, gostaria de fazer uma pequena palestra antes de responder às perguntas, expor uma coisa que talvez seja difícil de compreender. Tentarei fazê-lo tão simples e claro quanto possível.

Penso que a maioria de nós está tentando descobrir o que é verdadeira felicidade, pois sem sermos inteligentemente felizes a vida se torna muito superficial, fútil e quiçá triste. E assim, na busca do que chamamos felicidade, vamos de uma experiência para outra, de uma crença para outra, de uma teoria para outra, até encontrar tais crenças, tais ideias, como satisfatórias. Ora essas satisfações não são mais que fugas. A própria busca de felicidade deve resultar numa série de fugas – pode ser, como eu disse, através da autoridade, através da sensação, através da simples multiplicação de experiências e do aumento do poder. Essas fugas se tornam padrões ou valores com os quais encobrimos o conflito. Afinal, quando você está consciente do conflito, há perturbação que cria infelicidade; e para fugir dessa infelicidade você procura várias experiências e desenvolve certos

valores, padrões, medidas, que se tornam sua fuga. Assim, gradualmente você se torna inconsciente de tudo, exceto desses padrões, desses modelos, e sua vida não é nada além de uma viva imitação destes valores que você estabeleceu em sua busca por felicidade.

Se você examinar, verá que sua mente e coração estão presos em uma série de padrões ou valores. Estando tão limitada, a mente está sempre dando mais valores, estabelecendo mais padrões, e está sempre em julgamento. Até a mente se libertar desse contínuo processo de atribuir valores, nunca está inocente, nova, nunca criativamente vazia, se me permitem usar essa palavra sem ser mal entendido. Pois só no vazio criativo há o nascimento da verdade. Conflito, sofrimento, é o processo de romper esse hábito de atribuir valores. Você tem um conjunto de valores estabelecidos pela experiência, pela tradição, e esses valores se tornaram seus guias; com esses padrões e valores passados você aborda a experiência nova, o que naturalmente cria conflito. Esse sofrimento não é nada mais do que o rompimento de antigos valores a que a mente se prende.

Ora, é a própria essência da estupidez fugir do conflito através de uma série de valores estabelecidos, ou através da formação de um novo conjunto de valores. A própria essência da inteligência é compreender a vida ou experiência com uma mente e coração abertos, novos, inocentes. Em vez de encontrar a vida sem demandas preconcebidas, você chega a ela com uma mente e coração já prejudicados, quase incapazes de ajustamento vivo, rápida flexibilidade. A falta desse discernimento instantâneo do movimento da vida cria sofrimento. O conflito é indicação de servidão, que não pode ser subjugada, mas cuja significação deve ser compreendida. Subjugar obstáculos através de um novo conjunto de valores é mais uma forma de fuga.

Você poderia dizer que uma mente que não dá valores é realmente a mente de um primitivo. É verdade em certo sentido; o primitivo encontra a vida inconscientemente, incompletamente, sem compreender seu signifi-

cado totalmente. Mas encontrar a vida completamente e compreender sua significação totalmente requer uma mente não condicionada pelo passado, e isto pode acontecer apenas através de intensa conscientização, através de discernimento. Isto demanda, ao contrário do primitivo, ação integrada no presente sem o ímpeto do medo ou a busca por um prêmio. É a inteligência da completa solidão. Apenas quando a mente, aberta e vulnerável, e o coração encontram a vida, o desconhecido, o imensurável, é que há o êxtase da verdade. Quando a mente não está carregada de valores, memórias, crenças preconcebidas, e é capaz de encontrar o desconhecido, nesse encontro nasce a sabedoria, a benção do presente. Assim, o conflito é o próprio processo de despertar o homem para a consciência completa; e se nós não estamos continuamente atentos, criamos uma série de fugas que chamamos valores, embora eles possam estar mudando, e através desses valores tentamos encontrar alegria. Os valores se tornam o meio de fuga. Uma mente que está em conflito e o encontra sem tentar interpretar esse conflito de acordo com certos valores se torna totalmente, completamente atenta. Então, essa mente e esse coração despertarão para a realidade da vida, a benção do presente.

Pergunta: Você advoga a renúncia e a autoabnegação como meio de encontrar a felicidade pessoal?

Krishnamurti: A felicidade pessoal não existe. Assim, não há meio para ela. Há apenas o êxtase criativo da vida; a autoabnegação é falsa. Você pensa que a felicidade é para ser encontrada abrindo mão de certas coisas, seguindo certas ações. Então você está realmente comerciando, trocando seu sacrifício, suas abnegações, por felicidade. Não há abnegações

ou renúncia, mas apenas compreensão; e nisso existe felicidade criativa, que não é pessoal, individualista.

Deixe que eu mostre de outra forma. Eu começo a acumular porque penso que a felicidade está na acumulação, mas descubro no final de certo tempo que a posse não me traz felicidade. Portanto, começo a renunciar às posses e busco sacrifícios, o que é apenas outra forma de aquisição. Mas se eu percebo a significação inerente da possessividade, então aí existe felicidade criativa.

Pergunta: Não é verdade que o essencial pode ser encontrado em todas as fases da vida, em todas as coisas?

Krishnamurti: Eu não penso que existe o essencial ou o não essencial. O que é o essencial? O que é o não essencial? Um dia eu quero uma coisa e isso se torna o mais essencial, o mais importante, e, na própria posse daquilo, ela se torna o não essencial. Então quero outra coisa; e assim continuo, saindo de um essencial que se torna não essencial, para outro essencial que depois se torna o não essencial. Em outras palavras, onde existe anseio nunca pode haver discernimento duradouro. Como a maioria das pessoas é escrava do anseio, fica em constante conflito do essencial e do não essencial. De simples possessividade das coisas, que não dá mais satisfação, você vai para a posse mental e emocional de virtudes, da verdade, de Deus. De coisas que foram essenciais um dia, você vai "em direção" da abstração. Esta abstração se torna o essencial. Não podemos olhar a vida, não deste ponto de vista do essencial e do não essencial, mas daquele que é inteligente, compreensivo? Por que temos esta divisão do essencial e do não essencial, o importante e o não importante? Porque estamos pensando

sempre em termos de aquisição, ganho; mas se olhamos para isto do ponto de vista da compreensão, então esta divisão cessa, então estamos encontrando a vida continuamente como um todo.

Essa é uma das coisas mais difíceis de fazer, porque nós fomos e estamos sendo treinados em sistemas religiosos e econômicos que impõem certos conjuntos de valores. Para uma mente que não está atribuindo valores, mas está tentando viver completamente, sem o desejo do ganho – para tal mente não há degraus de valores mutantes, e, portanto, não há conflito entre o impermanente e o permanente, entre o estacionário e o constante movimento da vida.

Pergunta: Tudo bem para você falar sobre coisas fundamentais, mas e o homem comum?

Krishnamurti: O que estamos discutindo? Estamos discutindo, no que me diz respeito, como viver inteligentemente e, portanto, divinamente, humanamente – não com esta competitiva, implacável brutalidade da aquisição, da exploração, seja por uma classe ou por um professor, econômica ou religiosa. Tudo isto se aplica, naturalmente, a todos nós, ou seja, ao homem comum. Eu não me segrego da média, do homem comum. Pessoas que estão preocupadas com o homem comum se separaram dele. Elas estão preocupadas com o homem médio. Por quê? Elas dizem "Eu posso abrir mão da tradição, mas e o homem da rua? Se ele abrir mão, haverá caos". Então ele tem que ter uma tradição, enquanto as pessoas que estão preocupadas com ele não precisam.

Agora, se você não está pensando em termos de distinções, seja de

classe ou de necessidades, se você percebe a significação de uma coisa em si mesma, então ajudará aquele homem na rua a se libertar sem imposição da, digamos, tradição. Ou seja, se você está convencido da futilidade da tradição, se você vê a significação dela, então, naturalmente, ajudará o outro sem imposição, sem exploração. Compreendendo as coisas fundamentais da vida inteligentemente você ajudará o outro a desprender-se deste caos cruel. Se nós, todos nós aqui, realmente sentíssemos profundamente todas estas coisas, realmente compreendêssemos, agiríamos com inteligência. Primeiro, certamente, a pessoa deve começar consigo mesma. A pessoa deve tratar das coisas fundamentais, porque são as mais simples; e numa civilização que está se tornando mais e mais complexa, se não compreendermos por nós mesmos estas coisas simples e fundamentais, não faremos mais do que aumentar a confusão, a exploração e a ignorância. Assim, o que estamos discutindo se aplica a todos, e, como você tem a oportunidade – o que, infelizmente, nem todos têm –, se você se torna cônscio, ciente, e começa a compreender e, portanto, agir, tal ação ajudará a dissipar a ignorância, a causa do sofrimento.

Pergunta: Como se pode competir com a memória e a obsessão de suas imagens?

Krishnamurti: Em primeiro lugar, compreendendo como a memória é formada, como é criada. Agora, como tentei explicar outro dia, a memória não é nada além de ação incompleta. Não estou incluindo aí a capacidade de relembrar incidentes. Mas a memória é o resíduo, a cicatriz da ação que não foi vivida completamente ou completamente compreendida. Até essa ação ser integralmente compreendida, a memória dela ou sua cicatriz na

mente continua. A memória é, na maior parte, o resíduo ou as cicatrizes de muitas ações incompletas, não realizadas. Se a pessoa tem consciência de classe ou se é preconceituoso religiosamente, naturalmente não pode viver a experiência integralmente, totalmente; a pessoa a aborda com essa tendência, o que inevitavelmente cria um conflito. Enquanto não se compreende a causa e a significação desse conflito completamente, integralmente, haverá mais cicatrizes ou barreiras como memórias. Nesse conflito, se a pessoa simplesmente foge ou busca substituições, então a memória, como uma barreira, deve continuamente perverter a completude da compreensão, que é a realização da ação. Espero não estar explicando com uma linguagem muito complicada.

Por exemplo, suponha que um homem nascido na Índia tem certos preconceitos religiosos. Com estas perversões do pensamento, ele aborda a vida. Naturalmente ele não distingue sua completa significação, porque está sempre olhando a vida através destas perversões e, portanto, deve haver conflito. A partir disso ele desenvolve uma série de memórias autodefensivas, barreiras que ele chama valores. Tais reações defensivas devem perverter mais a compreensão da experiência ou da vida. Quando se percebe completamente que o preconceito ou alguma outra perversão está continuamente corrompendo, distorcendo a totalidade da compreensão, então a pessoa começa a ficar atenta; nessa atenção se descobrem os impedimentos.

É apenas através da chama da atenção, através da total conscientização, não através da autoanálise, que a pessoa pode discernir os preconceitos, as fugas, os valores de autodefesa que estão continuamente distorcendo a experiência. Na própria totalidade da experiência em si estão as barreiras que impedem o discernimento para descobrir e compreender, e não através da autoanálise intelectual ou autodissecação. Se você está intensamente consciente na totalidade da experiência, então verá como as perversões, impedimentos, limitações saltam para fora. Se mente e coração po-

dem libertar-se desses valores, que não são mais que memórias acumuladas com propósitos de autodefesa que você herdou ou adquiriu, então a vida é um eterno tornar-se. Mas isso requer, como eu disse, grande determinação, uma incessante investigação da causa e significação do sofrimento, do conflito. Se você está à vontade com a vida, ou simplesmente buscando satisfação, a benção do eterno presente não é para você. É só em momentos de grande crise, grande conflito, que a mente se liberta de todas estas acumulações e acréscimos autoprotetores. Só então há o êxtase da vida, verdade.

Pergunta: Se todos abrissem mão de suas posses, como você sugere, o que aconteceria com todos os negócios e objetivos comuns da vida? Negócios e posses não são necessários, se vamos viver no mundo?

Krishnamurti: Eu nunca disse que abrissem mão. Disse que a avidez é a causa da competição, da exploração, das distinções de classe, das guerras e assim por diante. Agora, se a pessoa distingue o significado real da possessividade, seja de coisas ou de pessoas ou de ideias, que é no final das contas a ânsia de poder em diferentes formas – se a mente puder se libertar disso, então pode haver felicidade inteligente e bem estar no mundo.

Durante muitos séculos nós construímos um sistema de avidez, de possessividade, buscando poder e autoridade pessoais. Agora, enquanto isso existir em nossas mentes e corações, podemos mudar o sistema momentaneamente através de revolução, crise, guerras, mas enquanto houver esse anseio, ele inevitavelmente nos levará, sob outra forma, ao antigo sistema. E, como eu disse, a liberdade da avidez não é para ser aprendida eventualmente através de adiamento; ela deve ser discernida

imediatamente, e é aí que está a dificuldade. Se não podemos ver a falsidade da avidez imediatamente, não seremos então capazes individualmente e, portanto, coletivamente, de ter uma civilização diferente, um modo diferente de viver. Assim, todo meu ataque, se posso usar essa palavra, não é sobre um sistema, mas sobre o desejo de possessividade, avidez, levando finalmente ao poder. Você pensa hoje que possessividade confere felicidade. Mas se pensar sobre isto profundamente, verá que esta ânsia por poder não tem fim. É uma contínua batalha onde o conflito e sofrimento não cessam. Mas isto é uma das coisas mais difíceis - libertar a mente e o coração da avidez.

Sabem, na Índia temos certas pessoas chamadas “sannyasis”, que deixam o mundo em busca da verdade. Geralmente eles têm duas tangas, uma que usam e a outra para o dia seguinte. Um “sannyasi”, em busca da verdade, procurou vários mestres. Em suas perambulações lhe foi dito que certo rei foi iluminado, que ele estava ensinando a sabedoria. Então aquele “sannyasi” foi até o rei. Você pode ver o contraste entre o rei e o “sannyasi”: o rei que tinha tudo, palácios, joias, cortesãos, poder, e o “sannyasi” que tinha apenas duas tangas. O rei o instruiu em relação à verdade. Um dia, enquanto o rei estava lhe ensinando, o palácio pegou fogo. Serenamente o rei continuou com seu ensinamento, enquanto o “sannyasi”, aquele homem santo, ficou grandemente perturbado porque sua outra tanga estava queimando.

Sabem, vocês estão todos nessa posição. Podem não ser possessivos em relação a roupas, casas, amigos, mas há algum objetivo oculto de ganho ao qual vocês se apegam, ao qual se prendem, que está corroendo seus corações e mentes. Enquanto esses venenos inexplorados e ocultos existirem, haverá conflito e sofrimento contínuo.

Pergunta: Você diz que não é filiado a nenhuma organização; contudo, obviamente está tentando fazer as pessoas pensarem segundo certas linhas. Pode o pensamento do mundo mudar sem uma organização cujo propósito seja trazer suas ideias constantemente a público?

Krishnamurti: Fico me perguntando se estou fazendo você pensar segundo certa linha definida. Espero que não. Estou tentando mostrar que pensar é necessário, estar apaixonado é necessário; e, para pensar profundamente e estar grandemente apaixonado, você não pode ter um depósito de reações de autodefesa ou memórias. Certamente, quando está apaixonado você está vulnerável. Se eu só estou fazendo você pensar segundo certas linhas, então, por favor, cuidado comigo, porque assim vou forçá-lo e explorá-lo, e você vai me explorar por seus próprios variados objetivos. O que estou dizendo é que para viver grandemente, pensar criativamente, a pessoa deve estar completamente aberta para a vida, sem nenhuma reação de autoproteção, como você fica quando está apaixonado. Assim, você deve estar apaixonado pela vida. Isso requer grande inteligência, não informação ou conhecimento, mas essa grande inteligência que está desperta quando você encontra a vida abertamente, completamente, quando a mente e o coração estão totalmente vulneráveis à vida.

Você pergunta "Pode o pensamento do mundo ser mudado sem uma organização cujo propósito seja trazer suas ideias constantemente a público?" Naturalmente não – você deve ter uma organização – isso é óbvio. Então não precisamos discutir isto. Mas quando você fala sobre organização, penso que quer dizer uma coisa completamente diferente. Para converter pessoas a certas crenças, forçá-las, incitá-las pela opinião, pela pressão, a adotarem certo método, certas ideias – para esse propósito a maioria das organizações é formada, não simplesmente para imprimir livros e distri-

buí-los. É assim que todas as religiões são formadas. É assim que os seguidores destroem os mestres, transformando seus ensinamentos em dogmas absolutos que se tornam a autoridade para exploração. Para esse propósito, a organização do tipo errado é necessária; por outro lado, se você está interessado nessas ideias que estou expondo, naturalmente ajudará a imprimir e distribuir livros, mas sem o desejo de converter, de explorar.

Pergunta: Mesmo depois de ir além da necessidade de autoridade organizada, a maioria das pessoas tem problemas com o conflito interno de escolher entre desejo e medo. Pode você explicar como distinguir, ou o que você considera desejo verdadeiro?

Krishnamurti: Existe tal coisa como desejo verdadeiro? O desejo essencial e o desejo não essencial? Um dia você quer um chapéu, no outro dia um carro, e assim por diante, satisfazendo seus anseios. Contudo, no outro dia você quer alcançar a mais elevada verdade ou Deus. Você passa por toda uma série de desejos. O que é o essencial em tudo isto? Coisas são essenciais; amor é essencial; a compreensão da verdade é essencial. Então por que separar o desejo em falso e verdadeiro, importante e não importante? Você não pode olhar para ele diferentemente, encontrar o desejo inteligentemente? Suas mentes estão tão mutiladas com valores contraditórios que vocês não podem discernir verdadeiramente.

Fico me perguntando se estou explicando isto. Suponha que você é possessivo. Não diga para si mesmo “Bem, eu ouvi esta tarde que não devo ser possessivo, então vou me livrar desse desejo”. Não desenvolva uma resistência contraditória. Se você é possessivo, esteja completa e integralmente consciente disto; então você verá o que acontece. A mente deve

se libertar deste desejo contraditório, o desejo comparativo que é realmente uma reação de autoproteção contra o sofrimento; então você irá discernir toda a significação da avidez. Você só pode compreender a avidez, ou qualquer outro problema, em seu isolamento, não o trazendo para comparação, para oposição. Quando não existe desejo contraditório ou oposto, só então há o discernimento do verdadeiro significado do desejo. A contínua contradição no desejo cria medo, e onde há medo deve haver fuga. E daí resulta uma incessante batalha entre desejo, razão, o impulso de realização, e seus opostos. Nessa batalha, inteligência, realização verdadeira, está completamente perdida. Enquanto a mente estiver presa no conflito dos opostos, só pode haver uma fuga, uma substituição como o essencial e o não essencial, o falso e o verdadeiro. Nisso não há felicidade criativa.

Pergunta: Não há ocasiões em que a pessoa precisa se separar da confusão exterior para ajudar na realização do verdadeiro ego?

Krishnamurti: Se você coloca as necessidades primeiro, elas então se tornam seus mestres e a inteligência é destruída. Para descobrir suas necessidades é preciso inteligência, porque as necessidades estão mudando constantemente, se renovando constantemente. Mas se você se determina a descobrir exatamente quais são suas necessidades, e descobrindo-as você se limita àquelas necessidades, então sua vida se tornará muito superficial, estreita, pequena. Assim, do mesmo modo, se você está buscando solidão simplesmente para descobrir o que a verdade é, então a solidão se torna apenas um meio de fuga. Mas em sua busca durante sua vida ativa surgem naturalmente períodos de solidão. Esses momentos de solidão então não são falsos; são naturais, espontâneos.

Pergunta: Você disse na segunda-feira que para ter verdadeira inteligência deve-se passar por um estado de grande solidão. Este é o único modo de chegar à verdadeira inteligência?

Krishnamurti: Vamos considerar o que fazemos agora. Estamos buscando segurança, constantemente nos cercando de certezas. Quando chega um estado de total incerteza, dúvida, nos colocamos em fuga. Assim, estabelecemos seguranças, certezas. Por favor, reflita e você verá que é assim. E só quando você está despido de toda esperança, no sentido de segurança, certeza, só quando você está completamente nu, despido de todas as medidas de proteção e reações, é que há o êxtase da verdade. Nesses momentos de completa solidão, que só chegam quando todas as fugas e sua significação foram verdadeiramente discernidas, está a ventura do presente.